

Decisão muda o modo de negociar a dívida externa

BRASÍLIA — A negociação da dívida externa brasileira mudou radicalmente desde ontem, quando o Citibank decidiu reconhecer como prejuízo — aumentando sua provisão técnica de recursos — a desvalorização dos papéis do endividamento externo do País. A partir desta constatação, feita por fonte credenciada da área econômica, o Governo brasileiro teme que o desdobramento da iniciativa do Citibank seja o endurecimento dos credores estrangeiros na mesa de negociações.

A notícia sobre a decisão do Citibank caiu como uma bomba nos principais gabinetes econômicos em Brasília, por volta de 17 horas de ontem, quando os primeiros telefonemas de Nova York começaram a tocar na presidência do Banco Central, do Banco do Brasil e do Ministério da Fazenda. Uma reunião de emergência foi providenciada pelo Ministro Bresser Pereira com o Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e com o Vice-Presidente da Área Internacional do Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva, para discutir o assunto.

O Governo não dispunha, até aquela hora, de qualquer indício sobre a posição do Citibank — o principal credor privado da dívida externa brasileira, responsável por créditos ao País no total de US\$ 4 bilhões. A atitude da instituição, considerada um “ato de coragem” de seu Presidente, John Reed, deverá ter repercussão junto a outros bancos credores internacionais da dívida externa brasileira, obrigando-os a também reconhecerem como prejuízo a desvalorização que a dívida brasileira apresenta hoje, sob pena de serem colocadas sob suspeição no mercado financeiro.

A partir deste desdobramento, sempre de acordo com as primeiras avaliações feitas, ontem, pelo Governo brasileiro, é esperado que os bancos americanos exerçam forte pressão sobre o Federal Reserve (FED) e o próprio Governo dos Estados Unidos para a normalização dos débitos brasileiros.